



## A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA ESCOLA EM RELAÇÃO AS QUESTÕES DA SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES

ELIANE BARRO<sup>1</sup>  
KEILA CRISTINA BATISTA<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo do trabalho é tratar de aspectos relacionados a sexualidade dos adolescentes no cotidiano escolar e familiar na atualidade. A pesquisa apresenta uma análise sobre sexualidade, contextualizando sua amplitude no mundo moderno. Aponta o envolvimento, a influência e a relevância do papel que a escola possui sobre os jovens no processo de desenvolvimento da sexualidade. Na coleta de dados, aplicou-se um questionário com perguntas descritivas íntimas e gerais sobre vários aspectos referentes à sexualidade, família e escola. As questões foram direcionadas para meninas que frequentam o Ensino Médio, de um Colégio Estadual no município de Ampère – Paraná. Com a análise dos dados, evidenciou-se que as adolescentes, dispõem de conflitos pessoais, que interferem na convivência familiar e no rendimento escolar. As jovens possuem anseios e dúvidas, que por vezes prejudica seu desenvolvimento e sentem necessidade de uma abordagem informativa para solucionar seus problemas. Percebeu-se também, que as jovens mantêm relacionamentos instáveis com os familiares implicado, por muitas vezes, pela falta de diálogo e de confiança que estas possuem. Por fim, considerou-se que escola e família devem prosperar juntas, cada uma no seu espaço, com a sua magnitude, cumprindo com responsabilidade, o processo de formação do indivíduo.

**PALAVRAS CHAVE:** Sexualidade. Adolescentes. Família. Escola.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de expor estudos referentes a descoberta da sexualidade e os impasses que os adolescentes vivem atualmente. Por se tratar de um assunto que permeia toda a vida do ser humano, e ser pouco compreendida, esta pesquisa visa analisar a influência que a

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ampère - FAMPER. E-mail: eliane.barro@outlook.com

<sup>2</sup> Professora e orientadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ampère - FAMPER.  
E-mail: keila\_bat@yahoo.com.br.

instituição escolar possui sobre a formação dos indivíduos neste contexto. Expõe a importância que a ação da família e da escola desenvolvem em relação as questões da sexualidade dos adolescentes, bem como as dificuldades que encontram cotidianamente ao discutir o assunto. Com esta problemática, aplicou-se uma pesquisa de campo com meninas do primeiro e segundo ano do Ensino Médio, com a finalidade de analisar as reais necessidades e anseios dos jovens sobre este tema.

Nesta perspectiva, mostra a compreensão dos autores sobre a dimensão do termo sexualidade, que os aspectos envolventes vão além do biológico, influenciando diretamente no comportamento humano, principalmente dos adolescentes, por ser uma fase geradora dos principais conflitos internos, que muitas vezes são influenciados pelos meios de comunicações.

Destaca-se a relevância do papel da escola nesse processo, de que maneira a Educação Sexual pode auxiliar os adolescentes a conviverem com esse assunto de forma saudável, visando a importância da formação dos professores para pensarem uma educação de qualidade a este respeito, mostrando assim, o quanto os ambientes escolares e familiares são propícios para o crescimento pessoal e social dos indivíduos, se proporcionarem momentos de discussão que validem os questionamentos quanto à sexualidade.

No estudo, apresentar-se-á a pesquisa de campo relatando como as implicações da sexualidade afetam os adolescentes, e estes sentem necessidade de expressar suas inquietações e anseios, nos âmbitos familiar e escolar.

## **2 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: ASPECTOS INICIAIS**

As questões relativas a sexualidade surgiu desde o princípio da humanidade, estando presente no cotidiano escolar, social e familiar. No entanto, a divulgação de informações a respeito da sexualidade aos adolescentes, ainda são precárias. Para aprofundar as definições sobre este tema, torna-se relevante conhecer as características que constitui essa abordagem.

Não se pode falar em adolescência e sexualidade, sem antes mencionar que a infância é uma fase de suma importância na construção de identidade dos indivíduos. Marcos Ribeiro (2009), em sua obra, “Conversando com seu filho sobre sexo”, apresenta alguns motivos que devem ser levados em consideração ao falar de sexo em casa. Segundo ele, a criança informada, corretamente, terá melhores condições de lidar com a sexualidade no futuro e, que quando não se tem espaço para falar

sobre sexo claramente e esclarecer suas dúvidas, a criança cria fantasias e gera ansiedade que, muitas vezes, acarreta em prejuízos emocionais na adolescência.

O termo sexualidade e sua vivência obtiveram diversos conceitos ao longo do tempo. Segundo Sanches e Marola (2011), a sexualidade humana é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido. Salienta-se que a sexualidade deve ser compreendida em sua amplitude. Falar de sexualidade nos remete pensar as questões relacionadas ao sexo, prazer e reprodução em si. Porém, são campos que se diferenciam. Segundo Bonfim (2012, p. 22),

Poderíamos dizer que a escola ainda se pauta pelos critérios da biologia descritiva do século XIX, sem articular e resgatar a concepção histórica e cultural, sem estabelecer uma teia com a realidade, sem refletir ética e esteticamente sobre valores. [...] As pessoas hoje tem acesso muito fácil sobre sexo, mas continuam mantendo visões limitadas e distorcidas sobre sexualidade.

A sexualidade, dispõe de uma visão mais aprofundada dos autores e deve ser abordada no seu cenário mais amplo. Para Nunes e Silva, (2000, p. 73).

[...] entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem [...]. A sexualidade transcende a consideração meramente biológica, centrada na reprodução das capacidades instintivas [...] a sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, para além do determinismo naturalista, isto é, carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica, cultural [...]

Desta forma, a sexualidade envolve os relacionamentos, a fantasia, o prazer, assim como, aspectos culturais, econômicos, sociais, psicológicos e religiosos, não se atendo somente no fator biológico. Para Bonfim (2012, p.26), “A sexualidade é uma das dimensões humanas mais complexas, configurando como um dos núcleos estruturantes que formam a totalidade humana. Assim, entende-se que a sexualidade está associada a afetividade e as relações humanas e pode ser definida também, como a necessidade que o ser humano tem de buscar o bem-estar, a alegria, o afeto, o carinho, o contato físico, a sensibilidade, o prazer, entre outros. (BONFIM, 2012).

A sexualidade é um dos pontos centrais da vida, é uma dimensão que envolve os aspectos físicos, sociais, psicológicos, isto é, vai além do corpo, envolve os costumes, a religião, as relações afetivas, enfim, a cultura em geral, sendo um dos assuntos fortemente discutidos na adolescência. De acordo com estudos, a adolescência é o período da vida humana que acontece entre a infância e a idade adulta, ou seja, a puberdade, período de maturação do corpo, cuja faixa etária predominante

varia entre 10 e 19 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde – ONU e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Repleta de alterações físicas, psíquicas e sociais, a adolescência é considerada uma fase fundamental no desenvolvimento humano, é um momento de expressão e vivência do corpo, com transformações no aspecto biológico e de natureza subjetiva, isto é, profundas mudanças no organismo que afetam as funções acima citadas, de acordo com a singularidade de cada adolescente. É no período da adolescência que acontecem as alterações no corpo dos indivíduos, tanto fisiológicas como psicológicas, as quais favorecem a vivência diferenciada da sexualidade, e esta assume papel de destaque na vida dos adolescentes, pois trata-se de um momento importante no processo de formação como indivíduos. Apesar de ser reconhecido como fundamental da necessidade fisiológica, pesquisas apontam que os adolescentes estão iniciando suas atividades sexuais cada vez mais cedo, e sem as devidas medidas de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

Nessa perspectiva, o adolescente vive intensamente cada momento de sua vida, porém, os costumes vão mudando conforme crescem, sendo influenciados por todos os lados, de maneira boa e/ou ruim. Nesse período, a rebeldia aparece, detestam conselhos, detestam obedecer ao pai e mãe, professor ou qualquer outra autoridade que os chamem atenção e impõem limites. O adolescente passa por uma “crise de identidade”, não se definindo mais como criança nem como adulto, porém nesta fase, desfruta da criticidade e autonomia. Sente-se confuso diante das decisões a serem tomadas, principalmente as que põem em conflito os valores impostos pela sociedade e principalmente pela família. Para Queirós (2012, p. 22),

[...] a adolescência constitui um período entre a infância e a idade adulta, com profundas alterações físicas, psíquicas e sociais. Considerada uma fase fundamental no desenvolvimento humano, é um momento de expressão e vivência do corpo, com transformações marcantes no aspecto biológico e de natureza subjetiva.

Meninos e meninas começam as experiências sociais dos padrões de comportamento. Diante disto, se vê que a personalidade dos adolescentes em relação a sexualidade não está consolidada, pois ainda estão em busca de si mesmos e por mais que os pais e a escola não falem sobre o assunto, o silêncio servira para definirem o que é o certo e o errado.

Com as transformações ocorridas em relação a sexualidade, a questão do sexo tornou-se mais discutida em tempos atuais. De acordo com Claudia Bonfim, (2012, p. 124), a sexualidade instintiva disputa lugar com a sexualidade virtual e o senso comum confunde sensualidade com

vulgaridade. Afirma que a carência afetiva é tão intensa que as pessoas não encontram satisfação em nada, e, na busca de encontro, perdem-se de si mesmas.

Cláudia Bonfim (2012, p. 124-125) considera que o sexo virtual é o ápice da carência afetiva, da desumanização da sexualidade diz que é fruto da sociedade individualista e ainda relata:

A sexualidade foi de tal forma mecanizada e banalizada que nos esquecemos de que somos seres humanos e de que, portanto, nossas relações precisam ser humanizadas. Não é obra do acaso que tantas pessoas busquem ajuda terapêutica, psicológica e psiquiátrica, na tentativa de trabalhar as questões da sexualidade, seja por que não conseguem encontrar satisfação plena no sexo (...). São frutos da sexualidade historicamente construída, envolta em dogmas, repressão e moralismo, condicionada e frustrada pelo mito do amor romântico e eterno, e a sexualidade permissiva e descompromissada veiculada pelos meios de comunicação.

Bonfim (2012) faz críticas as conceptualizações confusas referentes ao sexo e a sexualidade, repassadas através dos meios de comunicação, impondo ideias que fortalecem o sexo permissivo, desnudado de preconceitos, sem levar em consideração os valores, a boa conduta e a real significação da sexualidade. Também reflete que muitos dos problemas ou doenças encontradas na fase adulta são provenientes de construções “mal realizadas” no decorrer das fases que perpassam a vida do indivíduo.

## **2.1 A escola e a sexualidade: entendendo as relações estabelecidas**

Antes mesmo de discorrer sobre educação sexual, é preciso pensar a respeito do ato de educar em si, na sua totalidade. A educação vai além da transmissão de conhecimentos, educar “é ensinar a ver a vida com olhos humanos” (BONFIM, 2012, p.29), ou seja, é preciso conhecer o mundo e a si mesmo, para que o indivíduo não se torne mero fruto capitalista.

Educar pressupõe relação humana, diálogo, troca, valores, para que a verdadeira educação ocorra é preciso que haja compreensão e vivência cotidiana de valores tão contraditórios como limites e liberdade. Quais exemplos tem dado a família, a escola e a sociedade para as novas gerações, inclusive sobre a vivência da sexualidade? (BONFIM, 2012, p.29).

Desta forma, a importância que a família, a escola e a sociedade possuem acerca da educação repassada para as crianças e adolescentes, cabe os seguintes questionamentos: O que lhes é transmitido? O que estes indivíduos estão levando para a vida? Os assuntos cotidianos da vida humana estão sendo discutidos adequadamente pela família, escola e sociedade, visto que são indissociáveis no processo de formação da personalidade do indivíduo? Bonfim (2012), acredita

que a relação entre pais e filhos no ambiente familiar é quase inexistente, que ambos buscam objetivos individuais e a relação entre amigos está cada vez mais virtualizada.

Sendo assim, a educação voltada para a questão sexual tem nas mãos um grande desafio. Segundo Saviani (1999, p. 98) “[...] toda prática educativa contém inevitavelmente uma prática política”, ou seja, educar significa promover a manutenção ou a mudança dos atos dos cidadãos. Nessa perspectiva, Bonfim (2012, p. 33) acredita que a educação sexual deve ser crítica, pautada na corrente pedagógica histórico-crítica de Dermeval Saviani.

A educação sexual, além de ser uma prática de transmissão de conhecimentos, é um processo que possibilita a formação de valores e atitudes, pertinente a forma como cada ser vive a sexualidade. Aquino (1997, p. 111) ressalta que, “[...] a educação sexual tem sua origem caracterizada pelo aspecto informativo, biologizante e repressivo as manifestações da sexualidade”. Ao que se percebe é essa a educação sexual presente na maioria das escolas, meramente informativa sobre higiene ou campanhas de prevenção de doenças, não que não seja importante, mas como já visto, a sexualidade perpassa o campo biológico, envolve a cultura em geral.

A educação sexual fragmentada pode ser insuficiente para compreender a vivência da sexualidade, em contraste disso, contribui para diminuir os índices de doenças sexualmente transmitidas e gravidez na adolescência. A intenção seria não apenas informar, mas de conscientizar, orientar e promover espaço para diálogo e reflexão que possibilitem os adolescentes construir sua própria identidade. (BONFIM, 2012).

Uma vez que a sexualidade é natural e fundamental na vida humana, acredita-se que só poderá ser realmente vivida, quando a sociedade desmistificar a relação da sexualidade com a pornografia e a vulgaridade. Na visão de Bonfim (2012, p.36),

É necessário que encontramos um ponto de equilíbrio para a vivência da sexualidade saudável e qualitativa, pois as pessoas as vivem nos extremos, carregando as marcas da sexualidade repressora que constrói a imagem da culpabilização do desejo, medo, vergonha, impedindo que sua vivência natural e plena, ou, então, vivendo uma sexualidade exacerbada, fruto especialmente da visão difundida pelos meios de comunicação de uma sexualidade mercantilista, com sua imagem quantitativa, genitalista, meramente instintiva, da liberalidade e banalização.

Assim, a sexualidade precisa ser vivida de forma prazerosa, consciente e sem receios, para que os indivíduos se tornem satisfeitos, que saibam lidar e discernir a respeito dos conteúdos de propagandas desapropriadas que valorizam o instinto e a vulgarização do sexo.

O tema sexualidade ainda é considerado polêmico e envolve muitos preconceitos e tabus, assim como a questão emocional, o que dificulta ainda mais a relação e o diálogo entre pais, filhos e escola. Sabe-se, pois, que a educação sexual é algo que está presente nesses dois âmbitos (família e escola), no qual se complementam, e a vida sexual, assim como os demais assuntos que compõem a vida do ser humano, inicia-se na infância.

Desse modo, considera-se que é na família e na escola que são atribuídas as primeiras noções de educação sexual, que, como já visto, são ambientes formadores de identidade e por se tratar de um item delicado, se essa educação vier carregada de visões reducionistas da sexualidade, poderá impedir de, na fase adulta, viver a sexualidade de forma saudável. Ressalta-se que o conceito de sexualidade, com o desenvolvimento da sociedade capitalista e por ainda sofrer preconceitos, remete-se a valorização do sexo e o corpo é visto como objeto de prazer. Neste sentido, Bonfim (2012 p. 54), relata

Quando falamos de corpo, falamos de um ser, em sua totalidade, com todas as angustias, dificuldades, vivências, carências, potencialidades. Um corpo é um ser histórico que carrega em si dores, prazeres, saberes, mudanças, perspectivas, sonhos, afetos, transformações, inquietações, desejos, valores, ideais, ideias e, mais do que tudo, infinitos conflitos entre uma moral social, familiar, religiosa, política e a busca por uma ética que lhe permita se conhecer, se entender e se construir.

Dessa forma, a autora contradiz a visão capitalista, pois a sexualidade é mais que a banalização do sexo, deve ser vista em sua amplitude. É momento de construção, de conhecer-se e compreender-se, visto que os ambientes escolares e familiares são propícios para a construção social dos indivíduos. Por isso, entende-se que a escola é um dos ambientes mais adequados para a formação de valores, porque leva os alunos a romperem com a visão estereotipada definida pelas culturas e padrões sociais que estruturam a sociedade capitalista. Cláudia Bonfim (2012, p. 61) acredita que:

[...] a visão dominante do corpo é marcada pela racionalidade, que o enxerga como estratégia de produção e reprodução dos interesses hegemônicos, valorizando-o apenas como mão de obra, ou seja, por seu valor utilitário. A visão do corpo vigente hoje é condicionada pela sociedade capitalista, mercantil e midiática, conduzindo a dimensões limitadas e reducionistas do corpo, desumanizando as relações sociais e afetivo-sexuais.

Nesta perspectiva, é fundamental a criticidade do educando em relação a visão de mundo, que saiba analisar as situações, principalmente as mais delicadas, e que isto se sobreponha a superficialidade da realidade consumista. Todavia, para Bonfim (2012, p. 63), “Família e escola

são as duas instituições mais adequadas para uma educação sexual emancipatória”, ou seja, para que este processo de emancipação crítica se consolide, torna-se conveniente que família e escola trabalhem juntas.

No entanto, as famílias na grande maioria, não contribuem para a visão crítica dos filhos, pois muitas vezes, silenciam ou ocultam a sexualidade dos filhos, ou quando é dialogada, é feita de modo despreparada, de forma inadequada. A escola, neste sentido, do subsídio a família. Para Bonfim, (2012, p. 64), “pais e educadores devem entender que ocultar um assunto, significa também falar sobre ele”, ou seja, não precisa dialogar sobre, deixar que os tabus perpetuem através de gestos, omissões ou negando a educação, também é uma forma de educar em silêncio. De acordo com Bonfim (2012, p. 63),

[...] Muitas famílias silenciam, ignoram ou preferem ocultar a sexualidade na educação de seus filhos. Precisamos criar, nos espaços social e escolar, projetos que levem a família a se reeducar, debater o tema e a ampliar sua visão, para que possa assim melhor orientar seus filhos. [...] A escola é subsidiária da família.

A escola é um ambiente propício para as trocas de experiências, crescimento pessoal e social, deve ser concedente de espaços que ofereçam aos alunos, desde a infância, momentos em que possam discutir e vivenciar outras formas de vida. A escola vem complementar o papel da família, que por sua vez precisa expandir seus conhecimentos para direcionar os filhos com mais segurança.

A sexualidade nas escolas, ainda é trabalhada voltada para a área da saúde, de prevenção de doenças, gravidez, incentivo ao uso de preservativos, no entanto, as informações biológicas são importantes, mas não são suficientes para superar os problemas atuais. “O foco da saúde é essencial, mas insuficiente para promover a compreensão da sexualidade e conscientizar as pessoas sobre sua importância para a qualidade de vida”. (BONFIM, 2012 p. 67), ou seja, o estudo e/ou o ensino da sexualidade vai além da saúde biológica, abrange outros aspectos que favorecem o crescimento e a formação do indivíduo para viver a sexualidade saudavelmente.

Mas, quando e como falar de sexualidade com as crianças e adolescentes? “Pais e professores devem entender que a sexualidade está conosco desde que somos gerados, e que ela se desenvolve em todas as fases da vida. E que, ainda que não abordaremos esse assunto com a criança, sua sexualidade não será anulada” (BONFIM, 2012, p. 72), ou seja, considera-se que o início da abordagem sobre a sexualidade deve ser realizado desde a infância, no entanto, se não for



abordada neste período, não deixará de existir e quando tratada, a sexualidade não pode ser tratada como sexo, pois como já visto, ela é a totalidade das vivências do ser humano.

Bonfim (2012, p. 75) diz que deve-se trabalhar com a criança a descoberta da sexualidade e com os adolescentes como ocorrem as manifestações da sexualidade. São nestas fases que os envolvidos obtêm as referências para viver a sexualidade na fase adulta. Por isto,

Temos que ajudar a criança e o adolescente a construir com naturalidade a descoberta do corpo, a formar sua autoestima e a atribuir significados e referências, para que na fase adulta possam compreender e vivenciar sua própria sexualidade com tranquilidade e de maneira plena e qualitativa. (BONFIM, 2012, p. 75).

Para os autores, as crianças e os adolescentes são seres em construção e o que lhes é transmitido torna-se aprendizado, estes irão absorver as informações e adquirir para si como correto, sendo que os meios de comunicação possuem tem parcela de contribuição neste processo. Acredita-se que, nos dias de hoje, os meios de comunicação “deseducam” os indivíduos. A sexualidade é mostrada pela propaganda com vulgarização do corpo e não é devidamente interpretada na realidade. As pessoas atualmente possuem mais acesso às informações, porém, ainda mantem visões um tanto equivocadas sobre os temas que constituem sua existência.

Bonfim, (2012, p. 114) ressalta que os meios de comunicação criam símbolos sexuais e significações que influenciam o comportamento social, especialmente de crianças e adolescentes que ainda não possuem discernimento para refletir acerca de comportamentos modernos e se a escola não se posicionar frente a isto, torna-se cenário da legitimação do discurso que a sociedade capitalista julga ideal em tempos modernos. Desta forma, influenciados pela comunicação, crianças e adolescentes constroem sua identidade social e sexual.

A família neste contexto, possui papel fundamental para ajudar os filhos a construir uma sexualidade ética mediante o diálogo aberto, não delegando a função somente a escola, que vem sobretudo, auxiliar, complementar e enriquecer a educação vinda de casa. Na visão de Marques; Vieira e Barroso, (2003, p. 143)

A família, mais do que ninguém, educa todo dia, toda hora, sendo a instância mais responsável pelas condições de emancipação das decisões dos filhos. A comunicação familiar é fundamental na socialização do adolescente pois é no ambiente social da família que esse processo se inicia e onde ele forma suas primeiras opiniões. Neste sentido a família é o local principal de formação do caráter de uma pessoa e o canal de comunicação deve ser bem desenvolvido por esta. [...] A família deve focalizar no diálogo (entendimento) as estratégias de ajudar os adolescentes para que possam lidar com a sexualidade de forma saudável e livre de riscos.

No entanto, a sexualidade por vir abarcada de muitos preconceitos, quando debatida no ambiente escolar, a escola pode sofrer represália por parte de muitos pais, por julgarem as questões sexuais pornográficas. Sabe-se, que quanto mais se proíbe o assunto, mais desperta a curiosidade instigando assim, a vivência precoce da sexualidade. Atualmente, por mais que haja as campanhas sobre sexo seguro, é preciso orientar os jovens e adolescentes sobre a vivência da sexualidade, pois a vida sexual destes tem iniciado antes mesmo de conhecerem seu próprio corpo, antes de adquirirem maturidade corporal e psicológica. Além disso, diante da indução da televisão e da internet a comportamentos desprovidos de valores afetivos e éticos, torna-se urgente o conhecimento da sexualidade por meio da educação sexual, seja ela realizada no ambiente familiar ou escolar. (BONFIM, 2012).

Porém, antes mesmo de falar de educação sexual, faz-se necessário compreender alguns conceitos relevantes ao tema, como a questão de gênero. O termo gênero, possui muitos significados, variam de acordo com as diferentes abordagens existentes a respeito da construção social do masculino e do feminino pela sociedade e cultura. Gênero apresenta diferentes focos de análise de diferentes teóricos, tornando-se mais complexas do que simplesmente uma classificação das pessoas em mulheres ou homens.

No entanto, foi a partir de movimentos feministas que se começou a desmistificar a relação entre das condições naturais de que tudo o que se refere a mulher está na sua natureza feminina, ou seja, desde a simples cor de brinquedos até a maneira como uma mãe fala com seu bebê, carregam a forma de entender o que é ser homem ou mulher.

Nesse sentido, Louro (1997, p. 20-21) amplia a visão de que

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre desta distinção, que é complementar e que cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba de ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção sexual serve para compreender – e justificar - desigualdade social.

De acordo com o autor, a diferença sexual, amplia a desigualdade social, onde a mulher é vista, mesmo nos dias de hoje, inferior ao homem. Portanto, a definição de sexo e gênero precisam ser esclarecidas, já que não se constituem do mesmo significado. É preciso desvincular sexo do gênero para entender as questões culturais que envolvem os comportamentos e características femininas e masculinas nas diferentes sociedades e culturais, ou seja, necessita distingui-los

separadamente, pois sexo remete ao sentido biológico e o gênero considerado constitutivo da vida social, presente em todos os aspectos da vida. Carvalho e Tortato (2004, p.27), complementam que:

Sexo é um dado biológico e gênero, uma construção cultural. É preciso descolar sexo do gênero para entender as questões culturais que envolvem os comportamentos e características femininas e masculinas nas mais diferentes sociedades e culturas. Considerar gênero como uma contingência do sexo biológico é uma postura reducionista, pois torna limitado o desenvolvimento total das pessoas.

Visto que, escola e família devem trabalhar juntas na educação dos filhos – trabalho este que deve acontecer desde a infância – também é importante para que este trabalho seja, de fato, consolidado transformando de forma crítica a educação e a vida desses indivíduos em construção, a formação dos docentes torna-se imprescindível neste processo.

Gagliotto, (2009, p. 68), fala que com todos os avanços na área da educação, e com proliferação da AIDS, em meados da década de 1980, teve-se uma intensa apresentação de questões sexuais nos meios de comunicação de massa. O que contribuiu, para que a sexualidade fosse um tema a ser incorporado aos discursos institucionais da escola pública, ou seja, a sexualidade passou a ser discutida com mais frequência nas escolas. Nunes e Silva (2000, p. 16) relatam que,

As consultas sexuais passaram a ser a mediação da descompressão da fala, a expressão terapêutica de caos de extensão indireta capazes de induzir a uma suposta desculpabilização significativa de práticas contraditoras, ansiosas e muitas vezes desinformadas.

Na perspectiva dos autores, esse modelo ainda está presente nas escolas, os professores, na maioria das vezes, se ocupam de uma visão da sexualidade estar associada a psicologia, desvinculando sua culpa na educação efetiva sobre o assunto.

Para Nunes e Silva (2000, p. 16), “estamos vivendo num modelo dominante da sociedade de massa, que reduziu a sexualidade em práticas sexuais, quantitativas e desumanizadas”, ou seja, a sexualidade tem se tornado objeto de consumo exposta através das mídias. Nesse contexto, é urgente a intervenção institucional significativa na educação sexual emancipatória. Nunes e Silva (2000 p. 17), ressaltam que

[...] a emancipação pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora. Trata-se da qualificação ontológica da sexualidade humana e sua construção ética social.

Assim, os autores defendem que a emancipação abarca uma formação complexa na vida do sujeito, e que esta é pertinente a instituição escolar, sendo fundamental estar presente nos currículos escolares.

Sabe-se que os documentos que regem a educação brasileira, foram frutos de muita luta, e a Orientação Sexual é discutida como tema transversal, inclusa no Parâmetro Curricular Nacional – PCNs. Assim, a Orientação Sexual “dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. A existência desse trabalho possibilita também a realização de ações preventivas as doenças sexualmente transmissíveis de forma mais eficaz.” (BRASIL, 2000, p. 114). Desse modo, a educação volta-se mas para um foco relativo a prevenção de doenças e gravidez precoce, presumindo que a Orientação Sexual previne tais problemas, delimitando a atuação do professor que por muitas vezes, se acomoda por falta de formação. Giseli Monteiro Gagliotto (2009, p. 73), relata que

[...] precisamos incluir sexualidade nos currículos das escolas. A complexidade da sexualidade exige uma formação teórico-metodológica profunda. A possibilidade e a necessidade de abordar a sexualidade humana são reais, mas para isso dependem de uma formação básica.

Nesse contexto, a autora afirma que a Educação Sexual deve fazer parte da formação dos educadores, visto que estes podem atuar no público infantil.

Referindo-se as questões da sexualidade, Bonfim (2012, p. 102), diz que “A melhor forma de trabalhar a educação sexual no ambiente escolar é por meio de rodas de conversa, filmes e debates que provoquem a reflexão possibilitando a formação da consciência crítica e ética para a vivência da sexualidade”. É na escola que acontece a transformação, do saber sistematizado ao saber “científico”, é a ação da do educador que promove e enriquece os conhecimentos dos educandos, na qual modificam seus pensamentos em prol de mudanças significativas de sua visão de mundo.

Neste contexto, a sexualidade é um dos assuntos que mais tem trazido dificuldades e desafios aos educadores. De acordo com Figueiró, (2004, p.6)

A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula, está, de modo geral, exacerbada, tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. Temos observado forte instigação ao sexo, como também, um rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos.

O que agrava ainda mais a situação, pois se os alunos anseiam em saber e não possuem uma educação Sexual adequada no ambiente familiar, buscam no espaço escolar o amparo que necessitam. Na maior parte das vezes, o professor por não ter aprendido, não sabe ensinar, e o aluno por conta disso, acaba criando conceitos e tomando para si o que lhe convém por certo ou errado, ou continua carregando consigo as dúvidas, frustrações, insegurança, medos e tabus consequentes da precária Educação Sexual, tanto familiar quanto escolar.

Assim, a família e a escola devem ter consciência que devem trabalhar a Educação Sexual juntas, num processo simultâneo e contínuo, realizando-a desde a infância, e que o aperfeiçoamento, por parte dos educadores, dos conhecimentos e de uma visão crítica, sábia e construtiva que realmente promova a transformação e esclareça as dúvidas e os anseios dos jovens referentes a sexualidade, deve ser proveniente de uma formação especializada no assunto que abranja todos esses aspectos.

### **3 O ENTENDIMENTO DAS JOVENS SOBRE OS ASPECTOS DA SEXUALIDADE**

A pesquisa foi realizada nas turmas de primeiro e segundo ano particularmente com 51 meninas estudantes do Ensino Médio de um Colégio do município de Ampére. Os questionários referentes ao tema sexualidade foram aplicados somente com as meninas por se tratar de uma pesquisa de cunho pessoal e o Colégio estar desenvolvendo atividades com a condução da Equipe Pedagógica, devido aos casos de gravidez na adolescência. As adolescentes entrevistadas foram jovens de 14 anos a 17 anos.

Explanou-se na pesquisa, questionamentos sobre como é a vida dessas adolescentes no ambiente familiar, se as envolvidas possuem diálogo aberto sobre sexualidade com os familiares ou se já sofreram algum tipo de violência sexual, como é a relação familiar, a convivência. Enfocou-se também, se a instituição de ensino discute a respeito do assunto em sala de aula, e como gostariam que fosse abordado esse tema no espaço educativo.

Previamente interpelou-se sobre o que entendiam por sexualidade. As respostas mais frequentes foram: “Sexualidade são as mudanças no corpo; não é só prazer, envolve cuidados, é o seu momento de se sentir bem; é saber sobre seu corpo e se relacionar com outras pessoas; não é só sexo, é amar, cuidar, ter corinho com alguém que você ama; é a relação entre um homem e uma mulher; é ter relações com outras pessoas; é um momento de prazer, cuidar de si própria; ter

relações com outras pessoas, é o ato sexual; é a vida sexual entre um homem e uma mulher; ter um momento íntimo; sexualidade é saber nos cuidar, é nos amar, saber que o nosso corpo requer cuidado e passa por mudanças; se descobrir, ter orientação, ou até mesmo o ato sexual em si; sexualidade é quando usamos nosso corpo para ter prazer; sexualidade é tudo, pois é uma coisa que vamos nos descobrindo; é uma forma de nos conhecermos melhor; o amor, o desejo, a paixão, o ato em si; sexualidade pra mim é a mudança no corpo; para mim sexualidade é relações sexuais tudo que envolve sexo.” Ou seja, a maioria das meninas consideram que sexualidade é a relação entre homens e mulheres, está ligada diretamente ao ato sexual, ou os desejos e transformações do corpo.

Referente as pessoas pelas quais mais conversam sobre sexualidade, os amigos foram os mais citados (55%), seguido das irmãs (12%) e das respectivas mães (11%). Tios, primos, pessoas de confiança e internet, ocupam 10% das respostas e as adolescentes restantes, disseram não conversar com ninguém sobre sexualidade (12%). A maioria das meninas (82%) não possui relacionamentos, no entanto, as que possuem são: 45% de período inferior a 6 meses, 33% de 6 meses a 1 ano e 22% relacionam-se a mais de 1 ano.

Das adolescentes, 45% já tiveram relações sexuais com pelo menos uma pessoa, sendo que 13% destas jovens se relacionaram com mais de 5 parceiros cada uma. Ainda nas respostas a maioria (86%) utilizou preservativos durante as relações, e 14 % delas não efetuaram o uso.

A respeito dos métodos anticoncepcionais mais utilizados, (26%) das entrevistadas responderam que utilizam preservativos, (26%) fazem o uso de pílulas contraceptivas. As que ainda não tiveram relações sexuais totalizam 48% das entrevistadas.

Dentre as respostas identificou-se que 4% das adolescentes afirmaram que já foram vítimas de violência sexual e 8% delas declaram que quase foram violentadas sexualmente. Das adolescentes, 62% responderam que já sofreram agressões e que estas vieram de familiares como tios, irmãos e ex-maridos ou colegas de escola, e 38% delas não quiseram responder quem foram os agressores.

Com relação ao relacionamento estabelecido com os familiares, a maioria (71%) falaram que possuem um bom relacionamento, porém, discutem de vez em quando, mas não chega a ter agressão física. Indagou-se também, a respeito do entendimento dos familiares sobre os assuntos relacionados com a sexualidade. Da porcentagem que opinou 49% concordam com o modo de pensar dos familiares. Ainda, houve relatos como: as que consentem com o modo mais “antigo” de pensamento; com a maneira que a mãe pensa, mas ficam constrangidas; que gostam, pois eles não

possuem restrição exagerada quanto a isso; concorda, mas consideram chato falar desses assuntos; por que eles sabem o que é melhor e possuem experiência; dão conselhos; por que querem o bem e auxiliam nas decisões.

Das que não concordam (10%) disseram que os motivos são por serem muito preconceituosos, machistas e retrógrados; por que os familiares acham que a relação sexual só pode acontecer depois do casamento; na visão de seus pais, se transarem precisam casar. Do percentual que não opinou (41%), disseram não conversar sobre estes assuntos com seus familiares, portanto, não discorrem de um posicionamento quanto a isto.

Referente a frequência que conversam com as pais sobre sexualidade teve como resultado: Das meninas, 51% nunca conversam em casa sobre o tema, e apenas 10% conseguem dialogar com seus pais sobre isso com frequência, 27% as vezes conversam; 12% raramente o fazem. Afirmaram que o Colégio discute esse assunto, 65% das entrevistadas, porém, 27% falou que apenas às vezes aborda-se tais questionamentos. Diante disso, as meninas disseram que a instituição poderia discutir o assunto através de atividades diversificadas (fala com pedagoga, filmes e teatros) 19%, com mais conversas (27%) e mais realização de palestras (54%).

Quando questionadas sobre o entendimento a respeito do ato sexual entre os homens e mulheres, as respostas foram que os homens são imaturos e machistas; homens e mulheres possuem pensamentos e opiniões diferentes; consideram sexo apenas como fonte de prazer e não são tão sensíveis quanto as mulheres; sempre tem alguma desigualdade.

Em relação a compreensão que a sociedade possui sobre o termo sexualidade. As respostas mais frequentes foram que: “A sociedade é muito machista na questão da sexualidade; é vista como uma vergonha, um tabu; a sexualidade é pensada apenas como sexo, prazer, diversão, sem responsabilidades; como algo vergonhoso; veem como se homens e mulheres tem o mesmo direito; de maneira machista; onde a mulher geralmente é vista como objeto sexual; a sociedade emprega a sexualidade como um ato normal e sem informação; ainda é um tabu, poucas pessoas falam sobre isso; que a sociedade não dá muito valor, atenção e cuidados sobre sexualidade; há muito preconceito, principalmente contra as mulheres; como uma forma sem sentimento;” A maioria das adolescentes (92%), falaram que são sinceras nas conversas em grupo, mas 8% não se sentem à vontade e acabam negligenciando as respostas nas discussões.

Sobre os assuntos relacionados a sexualidade 57% das adolescentes, afirmaram que preferem falar com pessoas do mesmo sexo, ou seja, com mulheres. 27% preferem analisar o ponto de vista de ambos (homens e mulheres) e 16% optam por conversas com o sexo masculino.

Algumas adolescentes relataram que sentem necessidade em discutir sobre o respeito à sexualidade feminina; ainda há muito machismo; o assunto deve ser aceitado pela sociedade; gostariam ainda de falar sobre sexualidade saudável; que é bom e não deveria ser alvo de tabu; descreveram acreditar que cada pessoa tem tempo certo e próprio para se relacionar e a sociedade deve respeitar isso; que muitas meninas se deixam influenciar para agradar os outros; sexualidade é algo bom e todos gostam; deveria haver um dia por ano para debater sexualidade em sala de aula.

Encerrando a coleta de dados, solicitou que respondessem se haviam sido realmente sinceras nas respostas. O percentual de quem relatou que sim foi de 98%, e as que não foram totalmente sinceras, totalizou apenas 2%.

### **3.1 Análise dos resultados obtidos**

Percebeu-se com a coleta de dados que as adolescentes, consideram o termo sexualidade como a relação entre homens e mulheres, porém, não deixam de destacar que também é uma forma de cuidar-se e um aspecto de suma importância na vida humana que exige cuidados e necessidades especiais para desfrutá-la.

É um assunto que as meninas possuem certa dificuldade para dialogar e interagir com seus familiares. Nesta perspectiva, Pratta e Santos (2007, p.252), discorrerem sobre a importância da convivência na família, “a relação entre pais e filhos é a que apresenta o vínculo mais forte dentro do contexto familiar”. Porém, nesta situação as adolescentes sentem-se mais à vontade para dividir seus anseios com as amigas, e muitas delas procuram outros meios de sanarem suas dúvidas, buscando ajuda até mesmo na internet ou pessoas fora do ambiente familiar, ou ainda algumas não discutem a respeito do assunto com ninguém.

Nesta faixa etária, boa parte das adolescentes já possuem relacionamentos, recentes ou duradouros, sendo que muitas delas já tiveram relações sexuais com um ou mais parceiros e já passaram por situações de violência física e/ou sexual, demonstrando com suas experiências a realidade do mundo atual, onde as famílias, por muitas vezes, aparecem desestruturadas.

Encontram-se num mundo em que o convívio familiar, retrata o cotidiano contemporâneo, a família por muitas vezes, tem um relacionamento estável, porém, as discussões são inevitáveis pela



falta de tempo que possuem para dedicar-se ao diálogo aberto com os filhos. Como verificado com a pesquisa, muitas meninas gostariam que seus pais dedicassem mais tempo para discutir os assuntos importantes da vida, e algumas delas falaram que não saberiam se seria uma boa atitude, pelo fato da família não passar confiança ou importarem-se com isto.

Embora as conversas sejam infrequentes com seus familiares, as adolescentes concordam com a maneira em que seus pais pensam sobre a sexualidade, em manter uma posição mais tradicional, pelo qual consideram uma forma de proteção e entendimento, criando assim uma espécie de zelo com as jovens.

Estas também gostariam que o tema fosse mais discutido no Colégio, pelo fato de muitas não terem com quem sanar suas dúvidas e conversar abertamente, buscam no Colégio uma fonte de informação, na qual se daria por mais conversas com os professores, por filmes e/ou outras dinâmicas, mas principalmente por palestras ministradas por especialistas no assunto (médicas, enfermeiras, psicólogas, pedagogas, ginecologistas). Conforme as informações das alunas, estas atividades auxiliariam expor todas suas aflições e questionamentos, sendo que preferem conversar geralmente sobre questões de sexualidade, com pessoas do mesmo sexo, pois sentem-se mais à vontade.

As adolescentes também consideram que na sociedade ainda há muito preconceito e machismo quando se trata da sexualidade feminina, sendo que a ato sexual ocorre apenas como forma de prazer sem responsabilidade, que não há sentimentos. Acreditam que ainda é um tabu, que a sociedade não possui informação suficiente para discutir e respeitar as diferenças, na qual ironizam dizendo que a sociedade igualiza os direitos dos homens e mulheres, porém, sabe-se que isto não se efetiva na realidade como está no “papel”. Nesta direção, Bonfim (2012, p. 35), assevera que

[...] a sexualidade só poderá ser plenamente vivida a partir da superação de dogmas, tabus e preconceitos arraigados na formação humana para atender os padrões sociais e morais de cada sociedade; sobretudo no Brasil, que guarda resquícios de uma sociedade patriarcal ainda impregnados em todos nós.

Nas respostas percebeu-se que gostariam de abordar o assunto de forma saudável e não como um tabu, que todos sentem necessidade de falar, porém, nem mesmo o Colégio o faz da maneira que supre com as expectativas das adolescentes. Na perspectiva de Bonfim, (2012, p. 33-34).

A educação sexual que queremos não se resume a um amontoado de informações sobre biologia ou prescrições médicas e higienistas, como distribuição de preservativos e anticoncepcionais, ou campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Embora estas representem informações e providências extremamente relevantes, elas não são, por si só, suficientes para despertar a reflexão crítica que leva a aquisição da consciência e, conseqüentemente mudança de comportamentos.

Diante do exposto na pesquisa, as adolescentes disseram que foram sinceras ao contribuir para a coleta de dados. Ponderou-se, contudo, que este estudo foi relevante ao trabalho realizado, pois, analisou-se a visão das jovens em relação aos aspectos da sexualidade, o que sentem necessidade, e como lidam com este fator na fase da adolescência e convivem na sociedade atual.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sexualidade é considerada um dos pontos centrais da vida. Por isso, esse tema possui uma abordagem ampla. As implicações que a sexualidade proporciona durante a vida do ser humano, principalmente na adolescência, são perceptíveis e presenciadas em todos os espaços sociais do indivíduo especialmente no familiar e escolar, cujas funções são de extrema importância na formação social e pessoal dos indivíduos. Por ser apontado como um dos temas que permeiam a existência humana, muito divulgado nos meios de comunicação, o tema sexualidade é considerado polêmico, envolve muitos preconceitos e tabus, e ainda carece de estudos que a desmistifiquem e seja compreendida corretamente. A maioria de seus estudos e/ou entendimentos voltam-se para o sexo, para o fator biológico. Porém, este termo vai além das dimensões biológicas, abrange também aspectos físicos, psicológicos, sociais e culturais dos sujeitos.

A sexualidade inicia-se na infância, porém, são os adolescentes que mais sofrem os efeitos, pois, é neste período que acontecem as transformações no corpo do indivíduo. Eles vivem intensamente cada mudança, as alterações no comportamento surgem juntamente com as dúvidas, os anseios, a rebeldia. Os adolescentes estão iniciando cada vez mais cedo a sexualidade, erroneamente influenciados pelos meios de comunicação, que contextualizam o assunto de forma permissiva ao sexo, sem preconceitos, não considerando aspectos de valores e boa conduta. Desta forma, muitos problemas encontrados na fase adulta são provenientes de más construções realizadas no decorrer da vida dos sujeitos.

Faz-se importante nesse processo de descoberta e mudanças, a influência direta da família e da escola. Por mais que as transformações históricas tenham concebido diferentes arranjos

familiares, que convivem com os impasses e correria do dia a dia do mundo contemporâneo, o espaço familiar é essencial na formação dos indivíduos, pois é no seio familiar que estes irão desenvolver suas primeiras experiências sociais. É na família que se recebe a base para a vida adulta. A família, é o eixo principal para o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Desse modo, o bom relacionamento entre os envolvidos é imprescindível. Deve ser viabilizado por uma educação construtiva para solucionar situações conflituosas, num diálogo aberto, de caráter transformador, intensificando os laços afetivos com filhos.

Outra esfera indispensável, na vida dos adolescentes, é a escola. É nela que os ensinamentos são repassados com maior segurança, subsidiando o papel da família que, muitas vezes, não dialogam com os filhos de modo a suprir com as expectativas ou até mesmo ocultam esses assuntos. A escola vem com a função de promover espaços que possibilitem as trocas de experiências que, na maioria das vezes não são oportunizadas em casa, a fim de discutir e dialogar abertamente sobre o tema. Porém, o espaço educativo ainda deve contar com o apoio de educadores capacitados, pois o ensino não se trata apenas do ensinar em si, mas da forma de mediação que o professor vai utilizar neste processo, visto que a sexualidade é um tema desafiador, tanto para os pais quanto para os professores. Se os adolescentes não encontram suporte nestes dois âmbitos educacionais, para discutir os anseios dos assuntos que mais os afligem, irão procurar outras fontes, nestas receberão uma educação desprovida da verdade, tomando para si, o que lhes achar pertinente.

Escola e família são insubstituíveis, devem caminhar juntas, cada uma possui função indispensável e essencial na formação dos sujeitos. Devem cumprir seus papéis de educadoras transformadoras, se complementando e fortificando num processo simultâneo, promovendo crescimento pessoal e social, dando suporte uma à outra, no que diz respeito aos assuntos que envolvem os alunos e/ou filhos.

Mediante a pesquisa realizada, pondera-se que os adolescentes vivem ao extremo as questões relacionadas à sexualidade. A relação com a família, a insegurança em dialogar sobre esses assuntos, a importância da escola nesse processo, tudo faz parte da vida dos jovens, acreditando que a escola e a família podem fazer a diferença no processo de construção social e desenvolvimento saudável pessoal.

## 5 REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

BONFIN, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP. Papirus, 2012.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 09 set. 2017.

CARVALHO, Marília Gomes; LUZ, Nanci Stancki da. CASAGRANDE, Lindamir Saete. (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. In: CARVALHO, Marília Gomes; TORTATO, Cintia Souza Batista. *Gênero: considerações sobre o conceito*. Curitiba: UTFPR, 2009.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais**. Universidade Estadual de Londrina, 2004. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>. Acesso em: 08 set. 2017.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação sexual na escola e a Pedagogia na infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. Campinas. SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Campinas, Faculdade de Educação.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6º ed. São Paulo: Vozes, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. **Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências** (Artigo). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n33/n33a06.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MARQUES, Maria de Fátima Cardoso; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Adolescência no contexto da escola e da família – uma reflexão**. Curitiba. 2003.

NUNES, Cesar Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual das crianças: Polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Família contemporânea**. São Paulo. Editora Unesp. 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2017.

PRATTA, Elisangela Maria Machado. SANTOS, Manoel Antônio dos. **Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>. Acesso em: 05 ago. 2017.

QUEIRÓS, Pollyanna Siqueira de. **Concepções de pais de adolescentes escolares sobre temáticas relacionadas à sexualidade humana.** Goiânia. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de enfermagem.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho sobre sexo.** São Paulo. Editora Academia de Inteligência, 2009.

SANTOS, Ivone Aparecida. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica.** Paraná. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: Polêmicas do nosso tempo.** 32° ed. Campinas: Autores Associados, 1999.